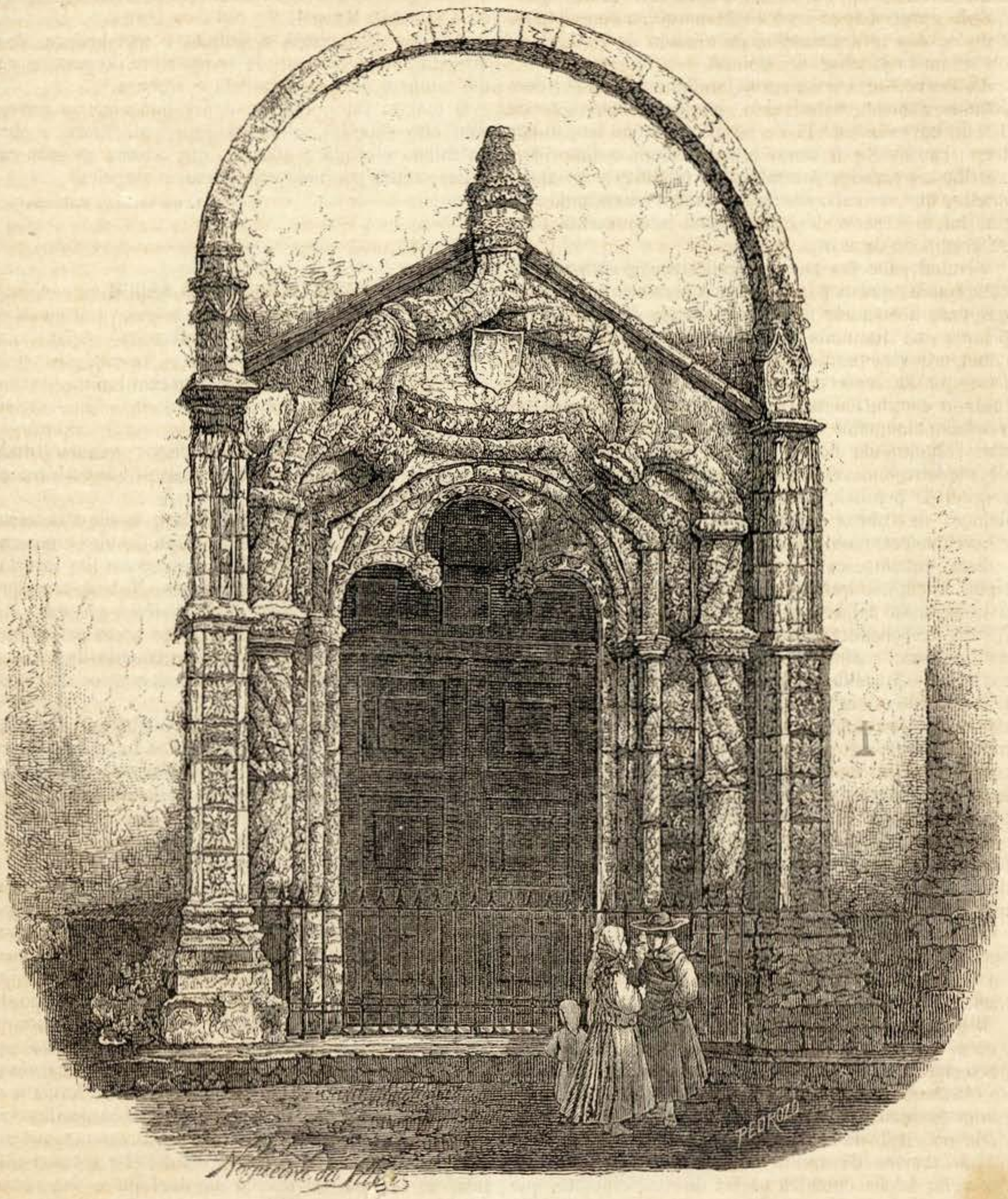


Porta principal da egreja parochial de S. Julião, em Setubal

A antiga villa, hoje cidade, de Setubal foi fortificada por el-rei D. Affonso IV, que lhe mandou fazer uma boa cêrca de muros com cinco portas e nove postigos. No decurso do tempo, não cabendo dentro do cinto de pedra que a apertava, estendeu-se por fóra d'elle, formando dois arrabaldes, com o nome de *Palhaes* ou *Fontainhas*, e *Troino*. Continuando o tempo a correr, em parte as convulsões do solo, em parte o progressivo desenvolvimento da população, foram lançando por terra, pouco a pouco, a velha cêrca de D. Affonso IV. Então os dois arrabaldes, unindo-se á villa, tomaram a denominação de bairros. Assim ficou Setubal com quatro parochias, duas nos seus novos bairros, e as outras duas no bairro da villa, comprehendido dentro do antigo recinto murado.

Estas são dedicadas a S. Julião e a Santa Maria da Graça. É de tão remota data a instituição de ambas, que, por falta absoluta de documentos que a declarem e comprovem, disputam ancianidade uma á outra. E, não obstante ser dado á de Santa Maria da Graça o titulo de matriz, a parochia de S. Julião disputou-lhe por largos annos essa honra, e se a final desistiu, foi mediante um accordo, pelo qual consentiu aquella em repartir com esta uma das prerogativas de matriz que geralmente mais se apreciam. Consistia, pois, o accordo em que saísse a procissão do Corpo de Deus alternativamente, um anno da egreja de Santa Maria da Graça, e outro anno da egreja de S. Julião.

Parece que a parochia de S. Julião teve principio em uma capella edificada pelos pescadores, e por elles dedicada ao mesmo santo.

Não sabemos que reedificações teve a referida ca-

pella, depois de ser erigida em parochia, até aos fins do seculo XV. N'esta epocha, porém, ou por se achar muito deteriorado, ou por ser o edificio de fabrica mesquinha, procedeu-se a uma reconstrucção completa do templo, nos ultimos annos do reinado de D. João II, ou reinando já el-rei D. Manuel.

Conservou-se a nova egreja em bom estado por dois seculos e meio. Sobrevindo, porém, o terremoto do 1.° de novembro de 1755, posto que a não lançou por terra, causou-lhe bastante estrago, sendo o maior deixar-lhe as paredes por tal modo fendidas e desaprumadas, que, ao cabo de alguns annos, ameaçando ruina, foi necessario demolil-a quasi inteiramente para se reedificar de novo.

Setubal padecêra tão grande destruição com aquelle cataclysmo, que por muito tempo escassearam os braços para a levantar das ruinas, sendo forçoso acudir primeiro ao que mais urgia de promptas providencias, como era reconstruir ou reparar a casaria da villa, para que regressasse a seus lares a população, que, fugindo espavorida na occasião do sinistro, ficára vivendo, pela maior parte, com grande incommodo e mal resguardada do tempo, em barracas de lona ou de madeira, armadas por ordem do governo nos arredores de Setubal. Por este motivo é que houve tanta demora nas obras da egreja de S. Julião, que só se emprehenderam no reinado da rainha D. Maria I.

Está situada esta egreja na praça do Sapal e é contigua ao edificio que foi palacio dos duques de Aveiro, o qual tinha tribuna para o dito templo, onde os illustres descendentes de D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra, costumavam assistir ao officio divino e mais festividades da parochia, quando habitavam temporariamente aquelles seus paços. Esta circunstancia de terem estes fidalgos tribuna para dentro da egreja mostra que foram, certamente, bemfeitores d'ella. Cremos que, além de largas esmolas com que concorreram para as solemnidades religiosas, e da doação de algumas alfaias preciosas, que se perderam ou desencaminharam por occasião do mencionado terremoto, fôra feita, ou pelo menos renovada, a expensas dos duques de Aveiro a obra de talha doirada da capella-mór da egreja.

Da reedificação de D. João II ou del-rei D. Manuel apenas resta uma memoria artistica, que é o rico portal do templo, representado em a gravura que juntâmos a este artigo, copiada de uma photographia.

Dispensa-nos da descripção a gravura por estar muito exacta e perfeita, assim como nos dispensaria o portico de declararmos a epocha em que foi fabricado. Aquella architectura caprichosa, em que estão misturados os estilos gothico e arabe com alguma ornamentação colhida no estilo da renascença, denuncia claramente o ultimo periodo da architectura gothica, o periodo da transição da arte gothica para a do renascimento, que em o nosso paiz corresponde aos fins do seculo XV e primeiro quartel do seculo XVI, abrangendo os reinados de D. João II e de D. Manuel.

Se o escudo que se vê sobre o portal tem esculpido um pelicano, como se nos afigura, e o que não podêmos agora verificar, foi el-rei D. João II o reedificador, pois que o pelicano, alimentando os filhos com o seu proprio sangue, era a divisa ou emblema que D. João II escolhêra para com ella designar o amor e dedicação que tinha para com os seus subditos.

Nos edificios erigidos por el-rei D. Manuel, ou construidos com algum auxilio seu, sempre se lhes punha a cruz da ordem de Christo e as espheras armillares, conhecidas divisas d'este monarcha. Na porta de S. Julião não se vêem similhantes emblemas do seu mestrado d'aquella ordem de cavallaria, e das descobertas e conquistas feitas por sua ordem nas diversas partes do globo. Entretanto, é possivel que as tivesse collocado o architecto em outra parte da frontaria que se demoliu para se levar a effeito esta ultima reconstrucção. Em todo o caso, diremos que este portal póde ser attribuido, sem anachronismo da arte, a el-rei D. João II ou a el-rei D. Manuel.

O resto da fachada é simples e sem belleza, desdizendo completamente da architectura do portico, como tambem da sua elegancia e riqueza.

O templo interiormente é dividido em tres naves, com oito capellas, além da principal. Afóra a obra de talha relevada e doirada, que adorna as suas capellas, reina por todo elle a maior singeleza.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

(Vid. pag. 11)

II

AVENTURAS DE UM CARANGUEJO

I

O individuo de quem vou escrever a amargurada vida pertence a uma raça de infelizes, antipathicos ao genero humano.

A sua figura desengraçada, o seu andar atravessado, o seu ar de desconfiança, a sua timidez e os seus gestos bruscos e arrebatados, merecêram-lhe injustamente o desprezo dos outros entes. Não bastava que a natureza o desherdasse das perfeições physicas e o privasse de um animo valoroso, tão necessario á sua existencia aventurosa; ainda, por cumulo de sua infeliz sorte, sobrecarrega-o o homem com os seus desdens e epigrammas!

É movido por um sentimento de piedade e pela sympathia que me inspiram os grandes infortunios, que vou tentar, não direi a rehabilitação da especie, mas adquirir para ella uma pouca de compaixão das almas generosas.

II

Nasceu o triste de quem traço a biographia nas profundas fendas de um dos rochedos que povoam as praias da Povoa de Varzim. Sua mãe tinha-o apenas deposto no berço com um sem numero de irmãos, quando uma vaga, subindo furiosa pelos intersticios do penedo, espedaçou o pae contra o duro granito da propria habitação, e arrebatou a turba recem-nascida para os abysmos do Oceano! Pensava com razão um patriarcha dos caranguejos, cuja vida se tinha alongado por espaço de cinco gerações, que não havia memoria nas passadas eras de uma devastação similhante!

O meu heroe, arrancado assim subitamente, no começo da sua primeira aurora, ás doces e serenas alegrias da familia, foi levado nos turbilhões das vagas até ficar emsêcco n'uma praia barbara e inhospita, onde os seus irmãos tinham perecido aos milhares, por effeito do cataclysmo. Achando-se sem forças para procurar a subsistencia, e sem abrigo contra os perigos da noite, que se aproximava; vendo as suas tenras antennas meio quebradas pelo furor das ondas, sentindo os olhos pisados, e mal podendo supportar o brilho do sol no occaso, o misero desejou e esperou a morte com a consciencia da sua fraqueza e com a doce ignorancia dos que não tem alma para aspirar a um mundo melhor.

III

N'esta triste situação, e todo entregue a desanimadoras reflexões, occorreu-lhe que na hora em que nascêra, e pouco antes da terrivel catastrophe que o privára dos maternaes afagos, recebêra sua mãe a visita de um elegante caranguejo, e quando seu pae se aproximára o visitante se escondêra enterrando-se na areia.

Sem edade nem juizo para tirar corollarios de um successo tão natural, tentou tirar partido d'essa vaga recordação, e, depois de dolorosos esforços, conseguiu abrir uma toca supportavel para passar a noite.

Deitou-se, pois, e adormeceu com o profundo somno da innocencia.

IV

Apenas cerrou os olhos teve um sonho — uma visão que lhe pareceu um poema immenso e indecifravel. Viu pela primeira vez esses colossos enormes que nas memorias da sua nação se chamam homens, e sentiu-se gelado de terror calculando que cada um d'aquelles monstros seria capaz, pela sua grandeza e voracidade, de comer de uma só vez toda uma geração de caranguejos com cascas e tripas! Notou com admiração crescente que esses individuos, apesar da sua estatura agigantada, se chamavam uns aos outros caranguejos; e que o caranguejo tinha chegado entre as raças humanas a ser tomado como symbolo de partidos politicos ou de nações inteiras; que, sob o titulo de *retrocesso* ou *retrogrado*, attingíra tal força como entidade, que se atrevia a arcar com o progresso e com os progressistas todos!

Pasmado com estes conhecimentos, que eram ignorados por todos os da sua especie, quiz investigar a causa d'elles, e, sempre sonhando, mergulhou o seu espirito nos abysmos do passado.

Depois de longo exame reconheceu que toda a sciencia, todo o movimento intelligente residíra, desde todo o sempre, no trazeiro dos individuos ou das coisas. Os instrumentos agrarios, que lavram e tornam productiva a terra que sustenta o homem, guiam-se todos pelo posterior; os navios, que pelos gloriosos descobrimentos pozeram o mundo todo em communicação, governam-se pelo leme, collocado na pôpa; os papagaios de papel, pelo rabo, para se poderem suster no ar; e como elles, todas as aves e todos os peixes; a artilheria e todas as armas de fogo, embora vomitem pela boca os estragos funestos que todos conhecem, é para traz que dão o coice; a espada não fere por si, é pela mão que a impunha; para as bestas andarem bate-se-lhes por traz, e até ás vezes se lhes torce o rabo, ou se lhes puxa por elle para as endireitar; e a não ser a ignorancia e desperdicio dos primeiros homens, o cavallo não se governaria pela boca, mas sim por essa pega natural que a natureza solícita lhe poz entre as ancas; e, finalmente, é ainda pelo posterior que se operam as revoluções mais salutares na economia animal.

Em vista, pois, do que fica dito e demonstrado, explicou o infantil caranguejo a si proprio a razão por que os da sua especie andam para traz, procurando, com uma prudencia digna do maior respeito, as origens de toda a sciencia, e ensoberbeceu-se provisoriamente por esse facto.

(Continúa) F. Gomes de Amorim.

EVORA

EGREJA E CONVENTO DE S. FRANCISCO

(Conclusão. Vid. pag. 63)

XII

Por cima da porta principal, da parte de fóra, e tambem dentro, no alto do cruzeiro, estão as armas reaes entre o pelicano e a esphera, pelo que pretendem alguns que a reedificação do templo foi começada por el-rei D. João II e concluida por D. Manuel [1].

[1] No portal do hospital de Todos os Santos, em Lisboa, havia tambem os dois emblemas, por ter sido este edificio começado por D. João II e concluido por D. Manuel. Vid. vol. IV, pag. 213.

Em logar nenhum do edificio apparece a data da construcção ou o nome do architecto. Entretanto, o conde de Raczynski menciona em o seu *Diccionario historico-artistico de Portugal* uma communicação que lhe foi feita pelo visconde de Juromenha, d'onde consta haver sido Martim Lourenço o mestre das obras de S. Francisco. Assim o designam alguns alvarás del-rei D. Manuel, que em 1507 e 1512 ordenava que lhe pagassem os salarios, em 1513 nomeava-o mestre das obras reaes e outras da cidade de Evora, e n'este mesmo anno lhe mandava dar os utensilios necessarios para edificar o dormitorio do convento.

Segundo uma tradição que se conserva na cidade e alguns escriptores repetiram, o architecto, depois de levantar as paredes, fugiu, e só passados dez annos voltou para concluir as obras. É provavel que o tempo que levaria a consolidar o esqueleto da egreja désse origem a esta fabula.

XIII

Á direita de quem entra no templo, na primeira capella, está, em grande parte occultado pelo retabulo de madeira, um tumulo muito antigo e de estranho lavor. Tem no tôpo as armas dos Cogominhos, na frente as imagens dos apostolos, e em cima, deitada, a figura gigantesca d'aquelle cujos restos encerra. Por cima dos apostolos e das armas lê-se a seguinte inscripção:

«Aqui jaz o muito honrado Fernão Gonçalves Cogominho, senhor que foi das villas de Aguiar e Oriolla, instituidor do morgado da Torre dos Coelheiros, fidalgo del-rei D. Affonso o quarto. Falleceu na era de 1364 annos.»

O tumulo é de marmore branco e assenta sobre leões do mesmo, assaz emplastrados de rebôco e talvez em partes mutilados. Os amadores dos preciosos restos da antiga esculptura portugueza lamentam que este se não ache mais bem conservado, e mais limpo e desobstruido do pó, da madeira e da cal que o encobrem.

XIV

Jazem pelo chão das capellas e da nave muitas campas com seus letreiros. Algumas, segundo ouvimos, foram ha poucos annos para aqui transportadas da egreja da Graça, o que poderá induzir a graves erros quem o ignorar.

Occupava antigamente a tribuna real não pequeno espaço por cima da capella mais proxima ao cruzeiro do lado da Epistola. Porque estava arruinada e parecia de todo inutil, a taparam sem deixarem vestigios, quando se fizeram os ultimos reparos no templo.

O retabulo da capella-mór é de marmore. Mandou-o fazer no seculo passado o conego Antonio de Landim e Sande, que á sua custa reedificou tambem a enfermaria do convento em 1772. É aquella obra de pessimo gosto, destaca desagradavelmente do estilo da egreja, e mostra haver sido desenhada por quem não sabia as regras mais simples da architectura.

XV

Houve no convento de S. Francisco alguns bons quadros, attribuidos, segundo o costume, a Grão Vasco. Transportou-os em 1834 para Lisboa, por ordem do governo, o dr. Antonio Nunes de Carvalho, com os mais que colligiu nos outros conventos da cidade. Passavam de quatrocentos todos elles.

Dos melhores dos franciscanos apenas ficaram os que estão embebidos nos retabulos dos altares lateraes contiguos á capella-mór. Taes são no lado do Evangelho: S. Francisco, Santo Antonio, Santa Clara e outro santo da ordem; e no correspondente do lado da Epistola: S. Jeronymo e outro santo eremita, o

Anjo Custodio e S. Miguel, todos pintados em madeira. Este ultimo quadro representa o archanjo brandindo a espada com a mão direita, e como que acertando os golpes a uma nuvem que tem presa por uma cadeia na mão esquerda. A nuvem parece um borrão com que quizeram encobrir a figura do demonio, que em similhante sitio se costuma pintar.

Conta-se a este respeito uma anecdota que repetiremos aqui, apesar do anachronismo e das demais razões que a tornam inadmissivel. Morria de amores o Grão Vasco por certa dama da corte del-rei D. Manuel. Não lhe correspondia ella, antes por sua fealdade o escarnecia e desprezava. Cançado o pintor do seu inutil galanteio, transformou-se-lhe o amor em odio, e estando de uma vez na egreja a pintar o quadro de S. Miguel, como visse a dama na tribuna, zombando conforme costumava, retratou-a aos pés do santo, por que ficasse alli, feita demo, pagando suas culpas. Esteve assim o painel muitos annos, até que certo guardião do convento, lembrando-se que algumas vezes se distrahíra a contemplar as perfeições do diabo, para que isto não tornasse a succeder, mandou garabulhar a figura na fórma que se vê.

XVI

Na capella do cruzeiro, da parte da Epistola, ha uma porta, que de ordinario permanece aberta, patenteando ao publico tres casas, que largamente communicam entre si, todas subjacentes ao dormitorio. A primeira é a casa do capitulo, onde se enterravam religiosos.

A segunda serviu antigamente de capella de Santo Antonio; aqui se conserva a urna de marmore com os ossos dos fundadores, a que alludimos no principio d'este artigo.

A terceira é a casa dos ossos, notavel por seu estranho revestimento, e pela devoção e assiduidade com que o povo eborense a venera e frequenta. N'um espaço de 11^{m} de largo e 18^{m},70 de comprido, á debil claridade que entra por umas pequenas frestas, não se vêem senão craneos e outros ossos humanos, que, ligados por cimento pardo, cobrem completamente as paredes e os oito pilares que sustentam a abobada.

Por cima da porta lê-se:

«Nós ossos que cá estamos
Pelos vossos esperamos [1].»

Parece que o auctor do distico pretendeu augmentar o effeito de terror e tristeza que n'este logar se experimenta, animando os ossos e dando-lhes voz para annunciarem aos vivos a idéa lugubre da morte.

Usavam alguns antigos povos collocar os ossos humanos em sitios frequentados, a fim de que os homens, pela continuação de os verem, repugnassem menos a idéa da morte, se recordassem de seu inevitavel termo, e se expozessem tambem com mais coragem aos perigos da guerra.

É possivel que estas idéas de moral e de politica movessem egualmente os frades, em epocha remota, que se não póde hoje determinar, a construir a capella dos ossos. Foram de certo mui outras as que mais tarde os levaram a pendurar n'uma parede um esqueleto com suas cartilagens, tendões e pelle resequida, o qual, segundo crêmos, ainda lá não estava no fim do seculo passado, pois descrevendo Murphy minuciosamente a capella, não fez menção de tal objecto.

Ignorâmos a razão por que hoje se conserva aquelle asqueroso ornato n'um logar tão concorrido, onde mal parece tudo o que não é conforme ás regras da decencia e do aceio.

No altar da casa dos ossos está uma imagem do Senhor dos Passos. Serve-lhe de retabulo o modelo da capella-mór da sé. Este modelo, de madeira pintada e doirada, é obra de algum merecimento, e muito digna de estar em sitio onde melhor se podesse examinar. Defende o altar uma balaustrada de madeira e de marmore que pertenceu á egreja da Graça, e bem se vê não ter sido feita para estar entre ossadas humanas.

XVII

No anno de 1834, extinctas as ordens religiosas, ficou a egreja abandonada, e assim se conservou até ao anno de 1837, em que a irmandade da ordem terceira, que tinha ha muito tempo a sua capella e casa de reuniões contiguas ao templo, pediu que lhe fossem dadas as chaves, a fim de cuidar do seu aceio e conservação, e patentear aos fieis a casa dos ossos. Em 1840 foi a egreja destinada á parochia de S. Pedro, cuja transferencia se effeituou em 28 de novembro do mesmo anno.

Todavia, como já em tempo dos frades o edificio ameaçasse ruina, progrediu o estrago a ponto de se determinar que de novo o fechassem e transferissem a parochia para a egreja do Carmo. N'esta conjuntura conseguiu o digno prior da freguezia, de accordo com a junta de parochia, espaçar a execução da ordem, e, auxiliado pelas auctoridades locaes e por alguns respeitaveis cavalheiros da cidade, promoveu uma subscripção para os reparos da egreja. Não se pouparam a esforços e diligencias os membros da commissão que para tal fim se organisou, e coube-lhes a gloria de levarem a cabo a empreza, cuja iniciativa e proseguimento mais em particular se devem áquelle digno ecclesiastico.

Produziu a subscripção a avultada quantia de réis 3:411$481; e, além d'isso, concorreu o governo de sua magestade com a subvenção de 3:000$000 réis. Começaram as obras em janeiro de 1860, e em junho de 1862 foi solemnemente restituida ao culto divino a egreja de S. Francisco. Assim, pela devoção e patriotismo dos cidadãos eborenses, se salvou da ruina o mais bello templo da cidade de Evora, e um monumento notavel da architectura nacional.

A. Filippe Simões.

[1] O traductor da *Viagem* de Murphy verteu estes dois versos nos seguintes, que chamou francez litteral:

Tout ce qu'ici nous sommes d'os,
Lecteurs, nous attendons vos peaux.

ABDUL-AZIZ, SULTÃO DA TURQUIA

I

Um dos acontecimentos mais notaveis do anno de 1867 foi a viagem do sultão pela Europa. O mysterioso soberano, que ainda ha pouco mal se podia divisar no centro da sua propria capital, n'alguma das solemnidades do rito mahometano, e que se conservava, a maior parte do tempo, escondido na sombra venerada do serralho, saía em fim do tabernaculo, e passeiava, como simples mortal, nos Campos Elysios de Paris, no Hyde-Park de Londres, no Prater de Vienna. N'este amplo agape da civilisação moderna vinha commungar tambem o descendente do homem que a afugentára de Constantinopla, e a obrigára a ir sentar-se pallida, mas com a fronte aureolada por um reflexo da civilisação hellenica, nos lares grandiosos do Occidente. Na festa civilisadora da Europa vinha, para assim dizermos, sentar-se o ultimo barbaro, e o anjo luminoso do progresso humano cobria com as suas azas todo o continente europeu, logo que a ultima porta, que ainda se conservava cerrada, se abria de par em par, e saía por ella, para vir a seu encontro, o vulto grave e melancolico do chefe dos Osmanlis.

Este acontecimento inflammou ao ultimo ponto as imaginações occidentaes. Em primeiro logar a curiosidade fôra vivamente excitada. N'este mundo já saciado das maravilhas modernas, que o genio do homem não cessa de produzir, o sultão apparecia como o representante fiel das maravilhas do passado. O sultão na exposição universal era o sonho das *Mil e uma noites* ao lado dos prodigios da industria; era o espectro de Saladino vindo visitar os descendentes dos seus rudes adversarios; era a imagem d'essa magnificente civilisação arabe, tão deslumbrante para nossos barbaros avós, saíndo do tumulo e comparecendo no congresso da mil vezes mais esplendida civilisação moderna. Vendo-o, parecia que se divisavam em longa perspectiva todos os thesouros dos kalifas, todas as magnificencias dos bazares orientaes, tapetes de Smyrna, espadas de Damasco, caftans bordados pelas mãos das fadas, alfanges curvos com o punho engastado de



Abdul-Aziz, sultão da Turquia

perolas e diamantes, e que todos esses esplendores de uma civilisação que se immobilisou, esplendores que desmaiam perante o luxuoso panorama dos prodigios d'este seculo, vinham na pessoa d'esse principe semi-asiatico prestar homenagem ao triumphal Occidente.

O sultão, pelos frequentadores do palacio do campo de Marte, foi considerado menos como um homem do que como um documento. Se os deixassem, fal-o-hiam figurar dentro de uma *vitrine*, na secção da historia do trabalho, ao lado de um osculatorio do seculo XIII, da espada do Cid, e das pinturas iconographicas da Russia.

Para os homens politicos teve, comtudo, esta viagem do sultão uma significação diversa. Agora que a Russia, recobrada por doze annos de abstenção politica, das graves feridas de Sebastopol, apparece mais poderosa do que nunca na scena européa; agora que aos seus numerosos exercitos, ás suas potentes esquadras, aos recursos, em fim, de sessenta milhões de habitantes, junta a força moral de um principio, o panslavismo, principio falso, mas que o governo de S. Petersburgo tem sabido agitar na occasião propria; agora que, tão audaciosamente como no tempo de Catharina II, e como se os tratados de 1856 já fossem letra morta, inscreve o nome de Constantinopla na primeira pagina do seu programma de absorpção, a Europa tremente julgou ver n'esta viagem de Abdul-Aziz uma esperança de regeneração para a Turquia, um penhor dado á civilisação do Occidente, o signal, em fim, de que na communhão dos povos europeus tomava assento o povo ottomano, e de que se quebrava a linha de demarcação que por tanto tempo separára

o christianismo do islamismo, linha de demarcação que subsistia mesmo quando as exigencias da politica levavam a catholica França e a protestante Inglaterra a combaterem ao lado da musulmana Turquia contra a scismatica Russia.

Tendo nascido no dia 9 de fevereiro de 1830, e tendo subido ao throno no dia 25 de junho de 1861, o sultão Abdul-Aziz conta trinta e oito annos de edade e sete de reinado. A Europa saudou n'elle, pouco depois da sua ascensão ao solio de Othman, um reformador mais energico do que Abdul-Medjid, menos feroz do que Mahamud. Vendo-o romper audaciosamente com muitas das velhas tradições da sua patria e da sua religião; vendo-o ainda ha pouco, em 1865, ceder facilmente ás representações das potencias occidentaes, e, tendo reprimido a revolta dos maronitas na Syria, revolta capitaneada por José Karam, usar da victoria com moderação pouco habitual na sua dynastia, a Europa concebeu a esperança de ter finalmente na Turquia uma alliada que a não envergonhasse. Vendo-o em 1867 calcar resolutamente aos pés os preconceitos da sua raça, e vir elle, o chefe dos crentes, visitar a terra dos infieis nazarenos, a esperança subiu de ponto, e as acclamações do povo parisiense, os *toasts* das associações de Londres, as cortezias dos aulicos de Vienna, mostraram a Abdul-Aziz com quanto jubilo a Europa saudava na sua vinda o tremular da bandeira da civilisação sobre as restabelecidas muralhas dos baluartes, que ella considera como o unico padrasto ainda erguido contra as ambições moscowitas.

E tanto se enlevaram n'esses applausos, tanto se ensurdeceram com as suas proprias acclamações, que nem ouviram os gemidos do Epiro, da Thessalia e da Macedonia, comprimidas pelas bayonetas turcas, mas anciosas de independencia; o grito de agonia da ilha de Creta, esmagada pelo galopar dos corceis de Omer-Pachá, mas estorcendo-se no extremo arranco, e jurando aos seus irmãos hellenos luctar até á morte; nem mesmo, o que mais os devia assustar, o grito de desesperada aspiração que os slavos do imperio turco arrojaram ao imperador da Russia n'esse famigerado congresso de Moscow.

Porque eu, civilisada ou barbara, commungando na eucharistia occidental ou obstinando-se no seu isolamento, não creio na Turquia como nação européa.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 71)

VIII

Amanheceu o dia 19 propicio á solemnidade que se ia celebrar. Era um lindo dia de inverno, como os não ha mais formosos fóra d'este nosso paiz. Achando-se, pois, tudo prompto em uma e outra corte, e ambas certificadas d'isso por meio de signaes convencionados, pelas dez horas da manhã rompeu ao mesmo tempo, das baterias de Elvas e de Badajoz, a salva que annunciava a partida das familias reaes de Hespanha e de Portugal para as margens do Caia. A comitiva dos reis catholicos era numerosissima e esplendida; mas a dos nossos soberanos eclipsava inteiramente as pompas e esplendores do neto de Luiz XIV.

Vamos descrever o prestito real de D. João V. Teremos de repetir, até certo ponto, coisas já por nós descriptas n'este assumpto. Entretanto, esta descripção é essencial ao fim a que nos propozemos, e além d'isso não deixa de encerrar alguma novidade.

Na frente do cortejo ia n'um coche rico da sua casa D. Pedro Henrique de Bragança e Sousa, duque de Lafões, marquez de Arronches e conde de Miranda. Não tendo sido accordes os pareceres dos mestres de ceremonias ácerca do logar que competia no prestito real ao sobrinho del-rei D. João V, filho e herdeiro de seu irmão, D. Miguel, a quem o mesmo monarcha havia reconhecido e dado as honras que no reino se costumava conceder aos filhos bastardos dos nossos reis, deliberou-se o duque de Lafões a cortar por todas as dúvidas e difficuldades da etiqueta, tomando de seu moto proprio a dianteira da comitiva.

Após do coche do duque caminhavam quarenta coches e berlindas dos titulares, tirados a seis cavallos. Cada um d'estes trens, bem como o do duque, eram acompanhados e seguidos de numerosa criadagem com ricas librés, e de muitos cavallos á mão soberbamente ajaezados.

Seguiam-se: quinze soldados de cavallaria, commandados por um alferes; vinte e quatro trombeteiros e atabaleiros, a cavallo, vestidos de veludo encarnado, agaloado de oiro, sendo as trombetas de prata; seis cavallos de mão do duque de Cadaval, estribeiro-mór; dezeseis cavallos de mão dos infantes D. Antonio e D. Francisco, cobertos com telizes de veludo, bordados de oiro e prata; trinta e seis cavallos de mão del-rei e do principe do Brazil, ajaezados do mesmo modo; uma partida de quinze soldados de cavallaria, commandados por um tenente; doze postilhões de gabinete, fardados de panno escarlate, guarnecido de alamares de prata; tres sotas-cavallariços; dois coches com os moços da guarda-roupa dos infantes D. Antonio e D. Francisco; a berlinda do confessor e medico da rainha; a berlinda do mordomo-mór e porteiro da mesma senhora; uma berlinda com varios padres que acompanhavam a el-rei; a berlinda dos moços da guarda-roupa del-rei; a berlinda do corregedor do crime da corte e casa, e do confessor del-rei; dois coches com os camaristas dos infantes D. Antonio e D. Francisco; duas berlindas com os veadores, estribeiro-mór e mordomo-mór da princeza das Asturias; tres berlindas com os veadores, moços fidalgos e estribeiro-mór da rainha; quatro berlindas com os veadores, moços fidalgos, officiaes da casa, e estribeiro-mór e gentis-homens del-rei; dois coches de respeito dos infantes D. Antonio e D. Francisco; dois coches de respeito do principe do Brasil e da princeza das Asturias; dois coches de respeito da rainha e del-rei, precedidos dos seus estribeiros-menores a cavallo; um coche com o infante D. Antonio; outro com o infante D. Francisco; outro com a rainha e a princeza das Asturias; outro com el-rei, o principe do Brasil e o infante D. Pedro. Os coches das pessoas reaes eram puxados por quatro parelhas de urcos, e todos os outros por tres parelhas. O coche del-rei era seguido de vinte e cinco moços da estribeira, a cavallo, ricamente fardados, e de quarenta e tres moços da camara em seges. Após iam tres seges da pessoa del-rei; tres da rainha; duas do principe do Brasil e da princeza das Asturias; duas dos infantes D. Antonio e D. Francisco; uma berlinda das camareiras-móres; tres das damas de honor; tres de açafatas e moças da camara; e cento e trinta seges com mais criadagem da casa real. Cobriam este apparatoso cortejo um corpo de quinhentos soldados de cavallaria e mais quatro esquadrões.

Proximo do Caia apearam-se os quarenta e tres moços da camara e os vinte e cinco moços da estribeira, postando-se logo em alas aos lados dos coches dos soberanos. Duzentos archeiros da guarda real, que tinham sido mandados para o Caia de madrugada, vieram formar terceiras alas aos referidos coches, ás portinholas dos quaes se collocaram, a cavallo, os capitães da mesma guarda real, conde de Pombeiro e D. Francisco de Sousa, senhor da casa do Calhariz e representante da illustre familia que hoje desfructa o titulo de duque de Palmella.

Assim proseguiu o prestito até ao rio Caia, onde

estavam formadas em linha de batalha as tropas portuguezas, sob o commando dos condes d'Alva e de Aveiras, e constavam de dez regimentos de infanteria e seis de cavallaria.

IX

Entre os casos de melindrosa e difficil resolução que se deram a respeito d'estas vistas reaes, um dos que mais deu que fazer á diplomacia foi o modo por que se haviam de ver, abraçar, congratular e conversar os dois soberanos da peninsula sem que um nem o outro saísse dos seus reinos. Felizmente, depois de largas discussões, em que mui distinctos homens de estado pozeram a prova a sua sciencia e perspicacia, acertou-se com a resolução do problema. O rio Caia tem a sua origem n'uma serra, na Castella; entra depois em a nossa provincia do Alemtejo, e, correndo a lançar-se no Guadiana, ao passar entre as cidades de Elvas e de Badajoz, serve de fronteira ás duas monarchias. Decidiu-se, pois, que se construisse ahi uma ponte, e sobre ella um palacio, metade do qual ficaria dentro da demarcação hespanhola e a outra metade em dominios de Portugal.

Fez-se a obra com muita rapidez e bastante dispendio das duas coroas, encarregando-se cada uma da parte que lhe pertencia.

O palacio-ponte era uma fabrica grandiosa e magnifica, apesar de ser feita de madeira. Davam-lhe jus a esses titulos a vastidão do edificio, a sua architectura monumental, e as preciosas alfaias e tapeçarias que o adornavam interior e exteriormente. A fachada que olhava para o nosso paiz era coroada com o brazão das armas portuguezas entre duas estatuas allegoricas. A frontaria opposta terminava com o escudo das armas castelhanas entre trophéos militares. Constava este palacio de tres grandes salas: as duas das extremidades pertencentes uma a Portugal e a outra a Hespanha, e a do centro metade a cada um d'estes paizes, dando a todas muita claridade varias janellas abertas nas fachadas lateraes, que caíam sobre o rio. Subia-se para as salas de entrada por largas escadarias tapetadas e guarnecidas de balaustradas com seus vasos e figuras. As duas referidas salas estavam ricamente armadas. A de Portugal vestiam-lhes as paredes pannos de Arrás, de subido preço, representando mui formosos quadros historicos [1]. As portas e janellas decoravam-se com cortinados e reposteiros de damasco carmesim, agaloado e franjado de oiro, e com sanefas de brocado de oiro. Estofos egualmente ricos cobriam os bofetes e as cadeiras. Sobre o pavimento estava estendida uma alcatifa da Turquia. A metade do salão central que nos pertencia achava-se guarnecida, paredes, portas e janellas, com veludo carmesim, recamado de oiro, e com brocado branco com bordadura tambem de oiro. Uma soberba alcatifa da Persia de lã, seda e oiro cobria o chão. Havia n'esta parte da sala unicamente sete cadeiras, para as sete pessoas reaes portuguezas que deviam assistir a esta solemnidade. Eram as cadeiras de obra de talha de lindo desenho e de primorosa esculptura. As del-rei e da rainha eram inteiramente doiradas, e as dos principes e infantes prateadas, sendo em todas o estofo tissú de oiro.

A metade do salão pertencente á Hespanha estava armada com tiras de brocado branco e verde, guarnecidas com galões de oiro, as quaes, fingindo pender de um grosso ramo de oiro, pregado no tecto, imitavam o interior de uma tenda real. Eram de eguaes estofos as cortinas das janellas e reposteiro da porta. N'esta parte da sala viam-se seis cadeiras de talha relevada e prateada, com assentos e costas de tissú de oiro.

Junto ás margens do Caia, proximo do palacio-ponte, construiram-se quatro elegantes tendas ou pavilhões, duas do lado de Hespanha, e duas do lado de Portugal, uma para os aparadores e serviço de copa, e a outra para os bofetes e refrescos.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] El-rei D. João V gastou sommas immensas na compra d'este genero de tapeçarias, então muito em voga pelo aperfeiçoamento a que tinham chegado. Aquelle soberano reuniu uma das mais copiosas e ricas collecções que em seu tempo se conheciam em toda a Europa. Infelizmente, a maior parte, em que se incluiam as melhores e mais custosas, foram levadas para o Brasil em novembro de 1807, por occasião da partida da familia real, e por ordem expressa do principe regente, D. João. Arrecadadas no pavimento terreo do palacio dos antigos governadores, na cidade do Rio de Janeiro, que passou a ser residencia real, alli foram destruidas, ao cabo de poucos annos, pela humidade e pelas baratas.

A FABRICA DE VIDROS DA MARINHA GRANDE [1]

(Vid. pag. 62)

III

A fabrica está bem situada. Póde-se até dizer que a sua collocação tem o que quer que seja de poetica. Por toda a parte, arvores, flores [2] e casas alvissimas. A povoação e a fabrica formam um todo harmonico, e ao vêl-as por primeira vez logo se presuppõe que uma é necessaria á existencia da outra, e que não será possivel para ambas viverem separadas. Com effeito, a vida da povoação encontra-se na fabrica, e a vida da fabrica existe na povoação.

A agradavel impressão que nos produziu a Marinha Grande quando a visitámos ha bons treze annos, augmentaria por certo hoje, pois a real fabrica, em geral, tem melhorado muito desde então, como póde verifical-o quem, observando a gravura que publicámos a pag. 45 d'este volume, cópia fiel de uma boa aguarella feita em 1866, se lembrar do que era n'aquella epocha [3]. Confessâmos com franqueza e satisfação que isso nos encantou, e tornou mais vivas as saudosas recordações do bello tempo que passámos em Leiria, de cuja cidade a Marinha Grande está distante, pouco mais ou menos, dez kilometros, atravessando um caminho mui pittoresco e deleitoso, assombrado de altos freixos, e onde se vê, não sem suave e intimo alvoroço, a junção dos rios Lena e Lis, tão cantados e engrandecidos na *Primavera* de Rodrigues Lobo [4].

Formoso rio Lis, que entre arvoredos
Ides detendo as aguas vagarosas,
Até que umas sobre outras de invejosas
Ficam cobrindo o vão d'estes penedos [5].

É o insigne cantor do Lis que nos faz assim a descripção d'estes aprazíveis sitios:

«Entre as fragosas montanhas da Lusitania, na costa occidental do mar Oceano, onde se vêem agora, com mais nobreza levantadas, as ruinas da cidade antiga de Colippo [6], ha um espaçoso sitio, partido em verdes oiteiros e graciosos valles, que a natureza com par-

[1] Para evitar errada interpretação, e completar o que se disse no capitulo antecedente, ácerca da fabrica de zuartes fundada em Coina, notaremos que essa fabrica já não existe ha muito n'aquelle sitio, e se transferiu para Sacavem, onde parece que ainda funcciona por conta dos herdeiros da sr.ª Pouchet; e por isso em vez d'estas palavras: = que se exportam = deve ler-se = que d'alli se exportaram =.

[2] Na Marinha Grande as casas são, pela maior parte, de um só andar. Em 1855 vimos, e cremos que ainda se vê, em muitas d'essas casas uns canteiros de flores aos lados da porta da entrada, o que dava á povoação singular encanto. Isto é vulgar na Inglaterra, e é de suppor que o uso fosse transplantado por Stephens, que para o melhoramento da fabrica e da povoação nada, para assim dizer, lhe esqueceu.

[3] A povoação tambem melhorou muito, não só pelo desenvolvimento que tem tido a industria do vidro, mas pelo estabelecimento da administração das mattas, da estação telegraphica, pelo augmento das lojas de venda, etc. Além d'isso, está ligada a Leiria por uma boa estrada, o que torna hoje facilima a communicação da Marinha Grande com a capital do districto.

[4] Francisco Rodrigues Lobo nasceu n'aquellas ribeiras, como elle proprio o diz:

Nas ribeiras do Lena fui nascido,
e nas do Lis guardava o manso gado.

E tambem é d'alli natural o não menos suavissimo poeta Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.

[5] *Primavera*, edição de 1774, pag. 103.

[6] Leiria.

ticulares graças povoou de arvores e de fontes, que fazem n'elle perpetua primavera, em meio do qual se levanta um monte agudo de penedia, cercado como ilha de dois rios, que pela falda vão murmurando, até que, ajuntando-se no extremo da sua altura, levam ao mar em companhia a vagarosa corrente; e assim da parte do rio Lis, que na cópia das aguas é principal, como pela do claro Lena, que, escondido entre arvoredos, faz o caminho, é cultivada a terra de muitos pastores, que n'aquelles valles e montes apascentam, passando a vida contentes com seus rebanhos, e com os fructos que a terra em abundancia lhes offerece, assim de Ceres como de Pomona; porque com a benigna inspiração do ceo e disposição da terra, não sómente são as plantas mais formosas á vista, os fructos mais saborosos ao gosto, as flores mais suaves ao cheiro e alegres aos olhos, mas ainda os penedos mais engraçados e parece que menos duros [1]. »

Voltando, porém, ao assumpto principal, de que nos iamos afastando, diremos que a fabrica se acha a pouco mais de meio kilometro dos pinhaes de Leiria, e que, além de um moinho e de um armazem mais separados, os terrenos e as construcções pertencentes á mesma fabrica, como se representam na gravura citada, comprehendem-se em uma só peça, cercada de muro, e medindo a léste 553^{m},75, ao sul 453^{m}, ao oéste 652^{m},50 e ao norte 301^{m},55, o que lhe dá a fórma de um trapezio em uma área de 18 hectares [2]; mas o que alli ha mais notavel, como edificação, é o palacio que o fundador Stephens mandou construir para sua habitação quando se demorasse na Marinha Grande, e para a administração, com jardim e lago; o qual palacio, se não se recommenda pelas bellezas architectonicas, não deixa, todavia, de ser muito regular, e de boa e nobre apparencia. Depois é a casa do theatro [3], com diversas salas para concertos e bailes, que se tem alli verificado por vezes com grande esplendor.

No espaço que se destina propriamente aos labores fabris, comprehende-se o seguinte:

Um pateo, que é a entrada geral do estabelecimento, com portaria para o nascente, e onde se acham os alojamentos menores, tendo ao sul o palacio, a oéste a officina da vidraça, e ao norte a officina de cristal e as casas de habitação do contra-mestre e outros empregados.

Passada a officina de cristal, para o norte, ha um terreiro onde existe o deposito das lenhas, e que tem pelo sul a dita officina e habitações annexas; a léste uma fileira de casas abarracadas, nas quaes trabalham os carpinteiros, serralheiros, oleiros, etc.; pelo norte a officina dos cadinhos; e a oéste differentes construcções destinadas a accessorios do fabrico.

Tem regularidade e bom aspecto as officinas da vidraça, seguindo o risco do palacio, e n'isto se vê que o architecto quiz conservar em harmonia os grandes corpos d'esta vasta edificação. Estão n'este edificio os fornos para a fabricação da vidraça, e um forno para temperar os cadinhos. E no complemento d'esta officina comprehende-se o saguão a oéste; um corpo de construcções que se communicam por dois puxados ao norte e ao sul, contendo a officina de estender a vidraça, com cinco fornos independentes e isolados entre si; uma casa para seccar os cadinhos; a officina da sécca e da calcinação das materias primeiras, com caldeiras de cobre e de ferro para a refinação do salitre e da potassa do commercio; e ainda para o norte uma pequena casa com um forno para cozer tijolo refractario.

A officina do cristal é uma grande construcção composta de dois corpos unidos longitudinalmente, e com arcadas de communicação praticadas na parede commum. É de alvenaria e cantaria. Ha n'esta officina dois fornos para a fabricação do cristal, duas pequenas arcas, á parte, para cozer os cadinhos, e mais tres isoladas para temperar o vidro apromptado nas obragens; n'uma divisão de madeira e tabique, uma casa em que se fazem as pesagens e determinam as dosagens; e no pavimento levantado sobre a mesma officina um armazem em que se aparta e acondiciona o cristal que sae para a venda ou para os depositos de Lisboa, Porto, Evora, etc.

Ha ainda annexos a esta officina dois pavimentos, um dos quaes serve para armazem geral da venda do cristal, e o outro para guardar diversos materiaes.

A officina dos cadinhos consta apenas de uma casa com algumas bancas fixas, nas quaes os operarios, andando em volta, fabricam os cadinhos á mão e a maço.

O edificio chamado *das flores* é a officina d'onde sae o trabalho da lapidação. Consta de uma sala envidraçada, tendo montados quatorze engenhos de lapidar, os quaes se movem por meio de um eixo horisontal com quinze communicações de movimento. O motor é da força de seis cavallos-vapor. A machina, que é de alta pressão, foi assente em uma casa contigua a este edificio, e a caldeira estabeleceu-se em um telheiro annexo.

Além d'estas construcções que se mencionaram, ha os estabelecimentos que o relator da commissão de inquerito chamou subsidiarios, e os quaes são: 1.º A casa da composição da vidraça, ao poente do palacio, em que dois operarios pesam e misturam as principaes materias primas da vidraça. 2.º Os telheiros que se seguem, em que se faz a lavagem das areias, a apartação e preparo do vidro quebrado, etc. 3.º A forja, convenientemente mobilada, para o serviço da fabrica. 4.º A olaria, estabelecida na fileira de casas abarracadas, de que acima se fez menção, e onde se preparam os barros para os tijolos, cadinhos, mesas de estender, etc. 5.º A carpinteria, contigua pelo sul á officina do cristal, com pavimento superior, onde não ha outra mobilia senão a que trazem os operarios que n'ella trabalham. 6.º A casa dos pisões, onde se acha estabelecido um bocardo de mineiro composto de seis pilões de madeira com sóccos de ferro fundido, pesando cada um 75 kilogrammas, e servindo de motor a agua do aqueducto por meio de uma roda. 7.º A casa do forno, sob a fórma cylindrica e com abobada de tijolo, de 14 metros de diametro interior, a que se podia dar o nome de forno colossal. 8.º A amassaria, que ainda serve para os ultimos preparos para os cadinhos. 9.º O armazem dos vidraceiros, onde se corta a vidraça. 10.º A cavallariça. 11.º O curral. 12.º Os palheiros.

Ao nascente e ao poente do palacio ainda se vêem uns telheiros sobrecellentes, que tem servido para arrecadações; e uma casa de dois pavimentos, a que chamam celleiro.

Fóra do terreno murado, a real fabrica possue tambem um bom armazem, que a administração geral das mattas destinou para as experiencias de resinagem; e um aqueducto de quasi tres kilometros, que tem abastecido copiosamente a quinta, as officinas, e um moinho de agua que vae aviar o quartzo e vidro em pó de que ha necessidade [1].

(Continúa) BRITO ARANHA.

1 *Primavera*, pag. 2.

2 *Relatorio*, pag. 85. — *Informações*, pag. 71.

3 O estabelecimento do caminho americano, em frente do edificio da fabrica, para o serviço da administração das mattas, tem damnificado alguns corpos d'estas construcções; notando-se sobre todos, como mais prejudicado, o theatro, porque se acha á beira do dito caminho, como se vê na gravura.

1 *Loc. cit.*, pag. 87 e 73.

O sr. Mousinho de Albuquerque, chefe da repartição de pesos e medidas do districto de Leiria, diz-nos nas *Informações* citadas que em 1862 o aqueducto estava bastante arruinado, e que carecia de reparos, orçados em mais de 2:400$000 réis. Não sabemos quaes os concertos que se lhe fizeram desde aquella epocha, mas podêmos assegurar que a actual empreza da real fabrica de vidros já tem feito despezas avultadas com o dito aqueducto, desentupindo os canaes e limpando as nascentes, corrigindo assim a direcção da agua, que ia escasseando por causa de frequentes desvios, sobre tudo nas propriedades visinhas.